

FHC se reconcilia com Covas

Presidente ouve vaias e aplausos e elogia governador que havia duvidado do seu controle sobre o governo

Da Redação
Com agências Estado e Folha

São Paulo — Os aplausos dentro da casa lotada por cerca de 1.500 pessoas contrastaram com os protestos do lado de fora, quando o presidente Fernando Henrique Cardoso chegou ontem, às 20h, para a inauguração do Complexo Cultural Júlio Prestes, no centro de São Paulo. O presidente estava cercado por forte esquema de segurança e, por causa das vaias, entrou por uma garagem lateral, evitando ouvir os gritos de 300 pessoas na porta principal.

Os manifestantes eram da Central Única dos Trabalhadores (CUT), do Fórum dos Cortiços e dos Sem-Teto de São Paulo, do Sindicato dos Bancários de Bauru e outras entidades. Seguravam faixas contra o governo e fizeram um panelaço (barulho com batidas em painéis e frigideiras) acompanhado de apitos no momento em que o maestro John Neschling regia a Orquestra Sinfônica do Estado na execução do Hino Nacional Brasileiro.

Os manifestantes vaiaram algumas personalidades e aplaudiram outras enquanto entravam no edifício. Neschling fez um breve discurso enaltecendo as qualidades da nova sala de concertos, a mais moderna do país, concebida especialmente para eventos sinfônicos. E também anunciou que o concerto do dia e o de amanhã, a Sinfonia nº 2 em dó menor de Gustav Mahler, a Ressurreição, estavam sendo gravados para ser lançados em CD.

Entre os convidados, estavam o governador tucano do Ceará, Tasso Jereissati, o ator Raul Cortez, o diretor da Pinacoteca, Emanuel Araújo, o prefeito paulistano Celsó Pitta, do PPB, e sua mulher, Nicéia (que chegaram 10 minutos depois do governador Mário Covas).

Após o concerto foi oferecido um jantar aos músicos da Orquestra Sinfônica do Estado,

que a partir de agora terá como sede a Sala Júlio Prestes. O cardápio do jantar incluía salada tropical, supremo de frango, tortelone recheado com ricota e nozes, escalope e, de sobremesa, pirâmides de profiterólis (espécie de bombinha recheada com creme e coberta com calda de chocolate).

RECONCILIAÇÃO

Fernando Henrique queria que a solenidade marcasse a sua reconciliação com o governador de São Paulo. À tarde, durante o curto discurso que fez na inauguração do Centro Móvel de Formação Profissional (em uma cooperação com Angola), fez questão de dizer que "ainda hoje, na estação Júlio Prestes, vamos estar presentes com o grande governador Mário Covas".

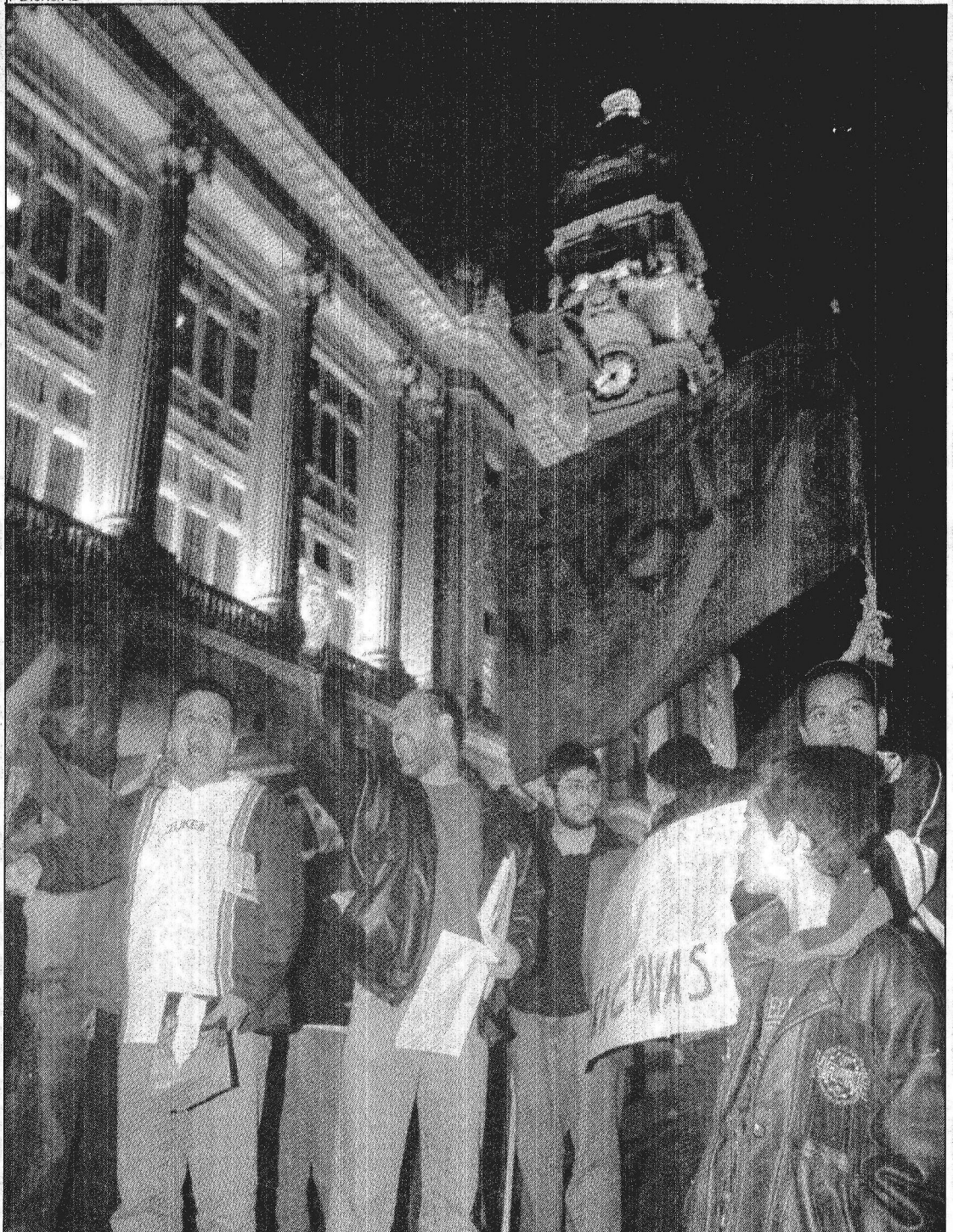
A referência elogiosa ocorreu três dias após Covas ter dito que o presidente precisava mostrar se tem ou não controle da sua administração. Naquele dia, Covas havia ainda confirmado presença na reunião dos governadores, na qual estão previstas críticas ao governo federal.

Antes de chamar o governador de "o grande Mário Covas", FHC fazia elogios à cidade e ao estado de São Paulo, citando algumas obras antigas e outras de competência do governo estadual. Pitta, que também esteve presente na solenidade da tarde, ouviu atentamente, sacudindo a cabeça como quem concordava com o que estava sendo dito. O prefeito só parou de fazer esse gesto quando houve a referência ao tucano.

CIRO

Enquanto Fernando Henrique era vaiado na cidade de São Paulo, o ex-ministro da Fazenda Ciro Gomes botava lenha na fogueira contra o governo em Bauru, no interior paulista. "O Brasil vive uma equação extraordinariamente perversa, onde se constata o maior indicador de desemprego da história, onde só na capital paulista já se

F. Diorio/AE



Manifestação: cerca de 300 pessoas protestam contra o governo diante do Complexo Cultural Júlio Prestes

somam 1,8 milhão de desempregados e onde ocorre a maior depressão da massa de salários da história contemporânea brasileira."

Ciro Gomes fez estas afirmações em discurso durante a sessão de filiação do prefeito de Bauru, Nilson Costa, ao PPS. "A depressão já subtraiu da população trabalhadora todo o ganho de distribuição de renda que a primeira fase do Plano Real lhe trouxe, remetendo o trabalhador ao mesmo estágio do ano de 1983", afirmou.

O discurso foi repleto de comparativos sobre distribuição de renda no exterior e no Brasil, salário mínimo e outros números. Para o ex-governador do Ceará, que já foi do mesmo PSDB do presidente, a globalização é uma ideologia que os países desenvolvidos criaram para expandir os mercados, e o Brasil, assim como os demais países na mesma situação, carece de medidas e competência para enfrentar.

Sobre a organização do seu novo partido, o PPS, disse que a

idéia é "crescer em sintonia com o avanço da consciência da população, pois não existe salvador da pátria". Isso, na opinião dele, se dará fazendo política fora das eleições e recrutando "gente boa" para que a política volte a ser um espaço de cidadania e dignidade, no qual o jovem sinta orgulho de participar. "Hoje, concretamente, nós temos de ter a humildade de reconhecer que, para o povo, política e sujeira, política e mentira e política e enganação são quase a mesma coisa", concluiu.